

CADMO

Revista do Instituto Oriental
Faculdade de Letras de Lisboa

1



EDICÖES
COSMOS

二〇一〇年三月廿一日
二〇一〇年三月廿一日

OS «POVOS DO MAR» E A «IDADE OBSCURA» NO MÉDIO ORIENTE ANTIGO

Por GERALDO COELHO DIAS

*Assistente da Faculdade de Letras
da Universidade do Porto*

Resumé

L'auteur reprend les concepts de «Peuples de la Mer» et de «l'Âge Obscur», en montrant, par l'étude des textes égyptiens, qui supportent les contours traditionnels de ce phénomène, comment il se présente encore peu clair et se sert d'une nomenclature trop explicite. D'un autre côté, l'archéologie de la Méditerranée orientale semble confirmer un état assez répandu de déchir, caractéristique d'un âge obscur. Y aura-t-il quelque rapport de cause à effet entre les «Peuples de la Mer» et «l'Âge Obscur»?

(Página deixada propositadamente em branco)

Devido às escavações arqueológicas em todo o arco do Médio Oriente, desde a Grécia a Israel, os historiadores começaram a falar duma «Idade Obscura» (*Dark Age*), que se identificaria com o fim da civilização do Bronze Tardio e os começos do Ferro I, tendo por pialca cronológica giratória o ano 1200 a. C. E, como a partir de fontes egípcias, se fala de «povos estrangeiros que se agitaram nas suas terras e vieram das ilhas no meio do Grande Verde», os historiadores chamaram a esses povos estrangeiros «Povos do Mar» e culparam-nos como causadores do colapso cultural então verificado.

Mas, «Povos do Mar» e «Idade Obscura» são denominações ou conceitos que precisam de ser analisados e melhor determinados, mesmo que, hoje, eles estejam generalizados e sejam usados como adquiridos.

1. Os problemas dos «Povos do Mar»

O primeiro problema que nos surge deriva da própria designação. Na realidade, ela não se encontra em nenhuma das fontes egípcias, como se tem repetido. Trata-se de uma designação moderna, que aparece pela primeira vez num trabalho de Emmanuel de Rougé ⁽¹⁾ e foi divulgada por Gaston Maspero ⁽²⁾ no segundo quartel do século passado.

O segundo problema é o da hermenêutica da expressão «ilhas que estão no meio do Grande Verde», que se encontra nos anais de Ramsés III (1198-1166). Por associação à expressão «Grande Mar» com que os hebreus e os semitas em geral designaram o Mediterrâneo, logo de imediato se equacionou «Grande Verde» = «Grande Mar» e, portanto, se tomou a convicção de que se tratava do mar Mediterrâneo,

com referência à ilha de Creta (Caftor) e outras da zona do mar Egeu. Hoje, os estudos da egiptóloga Alessandra Nibbi ⁽³⁾ obrigam-nos a duvidar.

O terceiro problema é o das fontes egípcias acerca dos povos que, em tempos dos faraós Merenptah (1236-1223) e Ramsés III, atacaram o Egipto. De facto, as fontes são imprecisas e inserem-se em textos de glorificação num característico género literário mais encomiasta que histórico.

De Merenptah chegaram ao nosso conhecimento uma longa inscrição do templo de Karnak ⁽⁴⁾, a Esteia de Athribis ⁽⁵⁾, fragmento da coluna do Cairo ⁽⁶⁾ e a célebre esteia do 5.º ano de Merenptah ou «Esteia de Israel», datada de cerca de 1231 ou 1207 a. C., conforme as cronologias adoptadas ⁽⁷⁾.

Os registos do tempo de Ramsés III são os que mais directamente se prendem com o caso dos «Povos do Mar» e estão ligados ao templo funerário de Ramsés III em Medinet Habu, frente a Lucsor (Tebas) na margem esquerda do Nilo. Temos, assim, a inscrição do 5.º ano (1193), a inscrição do 8.º ano (1190), a inscrição do muro norte de Medinet Habu, o registo do 11.º ano (1187), a esteia do 12.º ano (1186) e o *Papiro Harris* mandado lavrar por Ramsés IV, cerca de 1166 a. C., com um sumário dos acontecimentos do reinado de Ramsés III ⁽⁸⁾.

Da análise destes documentos, julgamos poder deduzir que os adversários do Egipto, para além dos libios, eram povos da área asiática, tradicionais inimigos do Egipto, que ali chegaram vindos por terra e por mar.

Eis o extracto mais célebre, tirado da inscrição do 8.º ano de Ramsés III, cerca de 1190 a. C. ⁽⁹⁾:

«Os países estrangeiros fizeram uma conspiração nas suas ilhas. Subitamente, as terras foram surpreendidas e dispersas no combate. Nenhuma terra pôde aguentar diante das suas armas, a partir de Hatti, Kode, Karkemich, Arzaua e Alachia, tendo desaparecido de uma vez... Eles avançaram em direcção ao Egipto, enquanto a chama estava preparada diante deles. A sua confederação era formada pelos Filisteus, Tjeker, Shekelesh, Denyen e Weshesh, terras unidas... Eu organizei a minha fronteira em Djahi (Síria, Palestina)... Dos que atingiram a minha fronteira não resta semente, o seu coração e a sua alma acabaram para todo o sempre. Dos que avançaram juntos no mar, uma labareda viva estava em frente deles nas embocaduras dos rios, enquanto uma paliçada de lanças os cercava na costa.»

Também merece ser referido este passo da inscrição do 5.º ano de Ramsés III ⁽¹⁰⁾:

«Os países do Norte estremeceram nos seus membros. Os Filisteus e os Tjeker saíram do seu país e vieram quando a sua força estava quebrada. Uns eram guerreiros em terra e outros no mar («Grande Verde»). Os que vieram por terra foram destruídos e mortos... Os que entraram nas bocas do Nilo ficaram como pássaros apanhados na rede; assim foram destruídos.»

Quanto à expressão «ilhas no meio do Grande Verde», ela encontra-se num relevo de Medinet Habu em que o faraó recebe os prisioneiros e espólio da vitória:

«Os países estrangeiros, que vieram da sua pátria, das ilhas no meio do Grande Verde, dirigiram-se contra o Egípcio e o seu coração confiava nas suas mãos. Estava preparada para eles uma rede para os apanhar. Eles caíram lá dentro ao penetrarem nas bocas do Nilo.»⁽¹¹⁾

É óbvio que estes textos devem ser integrados e analisados no contexto de documentos hititas, de El-Amarna, de Ugarit e outros, porventura das ilhas mediterrânicas, para além daquilo que a Bíblia nos diz sobre os Filisteus.

O quarto problema é identificar os povos referidos nos documentos e determinar os países de sua proveniência ou origem. Fazendo a resenha dos nomes citados nos textos de Merenptah e Ramsés III, coligem-se os nomes de nove povos: Ekwesh, Luka, Shekelesh, Sherden, Tjeder no tempo de Merenptah; Denyen, Peleshet, Shekelesh, Sherden, Tjeker, Weshesh no tempo de Ramsés III. Como se vê, alguns nomes repetem-se e os Sherden já eram apontados como mercenários de Ramsés II na batalha de Kadech (cerca de 1284 a. C.) enquanto os Luka e os Dardany apareciam ao lado dos Hititas.

Destes povos, são ditos, ora do «Grande Verde» (*w°d wr*) ora do mar (*p°ym*) os Sherden; também são ditos do mar (*p°ym*) os Ekwesh, Teresh e Weshesh. Mas, no grande portão de Medinet Habu, só os Sherden e Teresh são ditos expressamente do mar. Apenas, pois, quatro povos têm, possivelmente, a sua pátria no mar, nas ilhas do Mediterrâneo.

Por sua vez a identificação destes povos suscita grandes dificuldades, que não podem ser resolvidas só pela linguística nem mesmo com a colaboração da arqueologia. Por semelhança etimológica, até agora, tem-se tentado identificar esses povos com povos posteriores, conhecidos da tradição clássica.

Reconhecemos que a pitoresca designação de «Povos do Mar» é vaga e englobante. Para os Egípcios trata-se de estrangeiros, gente asiática vinda de norte por terra e por mar.

O movimento desses povos parece ter seguido a direcção oeste-

-este na costa sul da Anatólia e, depois, inflectido de norte para sul. Os textos egípcios, sem seguir a sua marcha, apontam: Hatti (Hititas), Kode, no sul da Anatólia, Karkemich, Arzaua = a Cilícia, Alashyia, isto é Chipre, Amurru, ou seja, a região síria marítima, onde se julga terem demorado, seguindo através de Djahi, a Síria-Palestina, por terra e por mar para o Delta do Nilo.

O seu epicentro geográfico de origem deve situar-se, portanto, algures na zona oriental da Anatólia de onde partiram numa migração anfíbia. É possível que tenham tido relações com os Micénios da Grécia; pelo menos a cerâmica dos filisteus em Canaã (Palestina) a isso nos leva a crer. Mas os Micénios nunca são citados nos textos egípcios.

É certo que Micenas foi destruída nos fins do séc. xm a. C. e que os «Povos do Mar» continuam um enigma. Talvez até seja de pôr em causa esta designação. Contudo, estes povos foram contemporâneos e até, possivelmente, são os causadores da queda de Micenas e do pânico e medo que se espalhou no Médio Oriente e criou a «Idade Obscura».

2. A arqueologia e a «Idade Obscura»

Depois do tratado de paz entre Ramsés II do Egipto e Hattusilis III dos Hititas, por volta de 1274 a. C., cujo texto nos chegou em redacção egípcia e hitita ⁽¹²⁾, poderia parecer-nos que o Médio Oriente ficou em paz com o equilíbrio dessas duas grandes potências. Mas foi uma situação precária, pois, bem depressa, o Império Hitita caía e o Egipto ficava como que paralisado.

É neste contexto, entre os sécs. xm-xii a. C., que aparecem os movimentos bélicos dos «Povos do Mar» e é a eles que, com certeza, se deve atribuir o desaparecimento da cultura do Bronze Tardio e seu comércio internacional e o aparecimento da frágil e pobre cultura do Ferro I.

Esta crise do ano 1200 a. C. ficará, agora, conhecida como «Idade Obscura» (*Dark Age*) ⁽¹³⁾.

A arqueologia, que neste tempo tem conhecido grande incremento, prova vastas destruições na zona do mar Egeu, precedidas de tentativas de fortificação das muralhas em Micenas, Atenas e Tirinto. Entre os períodos arqueológicos da Hélade, L. H. III B e III C., foram destruídos quase todos os centros micénicos, quer em terra quer nas ilhas, tendo aparecido um novo tipo de cerâmica pouco uniforme ⁽¹⁴⁾.

Passando a Chipre (15), que fazia de ponte entre o continente heládico, o oriente sírio e o Egipto, observam-se claros indícios de colapso e o desaparecimento de importações micénicas tipo III B. É o que ocorre em lugares cipriotas como Enkomi, Sinda, Kition. Em Maa e Pila julga-se que se construíram, pouco antes e à pressa, defesas militares.

No Médio Oriente, Síria (16) e Canaã, também se encontram casos evidentes de destruição. O mais eloquente foi a destruição de Ugarit (Ras Shamra), vassalo amigo de Hatti que caiu só e desamparado, conforme as escavações de Schaeffer (17).

Fim idêntico conheceu a cidade de Alalakh, Tell Açana, e igualmente Karkemich, junto do Eufrates.

No sul de Canaã, a que se chamou Palestina, temos a registar destruições em Asdod, Ashkalon e Salmon que o arqueólogo Mazar, em 1964, identificou no actual Tell Abu Hawan, próximo de Haifa. Trata-se duma cidade com porto marítimo, espécie de entreposto para as importações de Micenas.

O Egipto também sentiu a quebra de importações micénicas e teve de se enfrentar com os ditos «Povos do Mar», entre os quais se contavam os Filisteus, os quais depois se fixaram no sul de Canaã criando a conhecida pentápole filisteia de Askalon, Ashdod, Gaza, Gat e Ekron (18).

A «Idade Obscura» é-o, de facto, e continua obscura nas suas origens e causas, nos seus agentes e na fruste e inferior cultura do Ferro I que, entretanto, apareceu, no Médio Oriente Antigo.

NOTAS

(1) Emmanuel de ROUGÉ, *Oeuvres diverses*, IV, Paris, 1911, pp. 417-458, «Bibliothèque égyptologique», 24, reproduzindo artigo publicado em 1867.

(2) Gaston MASPERO, *Histoire ancienne des peuples de l'Orient Classique*, II, Paris, 1897 e um artigo de 1881 em «Zeitschrift für Aegyptische Sprache», p. 118.

(3) Alessandra NIBBI, *The Sea Peoples: A Re-examination of Egyptian sources*, Oxford, 1972; Cf. Claude VANDERSLEYEN, *Le Dossier égyptien des Philistins*, «The Land of Israel: Cross-Roads of Civilizations» (Ed. E. Lipinski), *Orientalia Lovaniensia Analecta*, 19, 1985, pp. 39-54.

(4) K. A. KITCHEN, *Ramesside Inscriptions*, IV, 2, Oxford, 1968, 2. O texto foi traduzido por J. H. BREASTED, *Ancient Records of Egypt*, vol. III, Chicago, 1906, 572s.

(5) K. A. KITCHEN, o.e., IV, 1972, 19; J. H. BREASTED, o.e., III, 596s.

(6) K. A. KITCHEN, o.e., IV, 5, 1972, 23; J. H. BREASTED, o.e., III, 593.

(7) K. A. KITCHEN, o.e., IV, 3, 1972, 12; J. H. BREASTED, o.e., III, 602; J. B. PRITCHARD, *Ancient Near Eastern Texts Relating to the Old Testament*, 3.^a ed., Princeton, 1969, pp. 376-378 (ANET).

(8) H. NELSON, *Medinet-Habu*, 5 vols., Chicago, Oriental Institute, Univ. of Chicago, 1929-1932; W. F. EDGERTON, J. A. WILSON, *Historical Records of Ramesses III*, Chicago, 1936.

(9) ANET, pp. 262-263.

(10) K. A. KITCHEN, o.e., V, 25, pp. 4-26.

(11) K. A. KITCHEN, o.e., V, 33, pp. 4-6.

(12) ANET, pp. 199-201; 201-203.

(13) *Griechenland, die Aegaeis und die Levante waehrend der Dark Ages*. Symposium 2 WETL, 1980, Viena, Verlag der Österreichischen Akademie der Wissenschaften, 1983.

(14) John CHADWICK, *The Micaenaeen World*, 6.^a ed., Cambridge, Cambridge Univ. Press, 1988; Henri van EFFENTERRE, *Mycennes, Vie et Mort d'une civilisation, La seconde fin du monde*, Paris, Ed. Errance, 1985; René TREUIL, e outros, *Les Civilisations Égennes*, Paris, PUF, 1989 (col. «Nouvelle Clio» 1 ter).

(15) Vassos KARAGEORGHIS, *Les anciens chypriotes, Entre Orient et Occident*, Paris, Ed. Errance, 1990.

(16) Stefania MAZZONI, *Gli stati siro-ittiti et r<<età oscura>>: fattori economicj di uno sviluppo culturale*, «Egitto e Vicino Oriente», Pisa, IV, 1981, pp. 311-341.

(17) C. F. A. SCHAEFFER, e outros, *Ugaritica*, 17 vols., Paris, 1939-1969.

BIBLIOGRAFIA COMPLEMENTAR

Jaime ALVAR, *Los pueblos del mar y otros movimientos de pueblos a fines del Segundo Milenio*, Historia del Mundo Antiguo. Oriente, 7, Barcelona, Ed. Akal, 1989;

R. D. BARNETT, *The Sea Peoples*, «Ancient History», 3.^a ed., Cambridge, 1975;

Trude DOTHAN, *The Philistines and their material culture*, Jerusalém, Israel Exploration Society, 1982;

Giovanni GARBINI, *Exploratori e mercanti non greci nel Mediterraneo Occidentale*, «Magna Grecia» (Ed. G. Pugliese Carratelli), Milão, 1986, pp. 245-264;

Pierre GRANDET, *La migration des Peuples de la Mer*, «L'Historien», Paris, n.º 131, 1990, pp. 16-24;

Mario LIVERANI, *Antico Oriente. Storia, Società, Economia*, Bari, Laterza, 1988;

William J. MURNANE, *United with Eternity*, A Concise Guide of the Monuments of Medinet Habu, The Oriental Institute, University of Chicago, The American University in Cairo Press, Cairo, 1980;

N. K. SANDARS, *The Sea Peoples, warriors of the ancient Mediterranean*, Londres, 1988 (tradução francesa, Paris, France-Empire, 1981);

Otto J. SCHADEN, *Sea Peoples*, «Studies in honor of Tom B. Jones» in «Alter Orient und Altes Testament», 203, Kevalaer, Verlag Butzon & Bercher, 1975, pp. 143-155;

- Lawrence E. STAGER, *Merenptah, Israel and Sea Peoples*, «Eretz Israel», Jerusalém, 18, 1985, pp. 56-64;
- Jonathan TUBB, *The Role of the Sea Peoples in the Bronze Industry of Palestine/Trans-jordan in the Late Bronze-Early Iron Age Transitions*, «Bronze-working centres of Western Asia c. 1000-509 b. C. (Ed. John Curtis), Londres, Kegan Paul International, 1988, pp. 251-270.